

A reestruturação empresarial contribui para a recuperação financeira das empresas

Fábio Santiago (*)

Embora estável pelo terceiro mês consecutivo, a negatização dos negócios ainda é alta no país, alcançando 6,9 milhões de CNPJs no vermelho em julho, de acordo com o Indicador de Inadimplência das Empresas da Serasa Experian

Esse total representa 30,8% das companhias existentes no Brasil, revelando uma baixa queda de 0,4 ponto percentual em relação ao último mês de junho.

Dentre as mais de 6,9 milhões de companhias negativadas, 6,5 são micro e pequenos negócios. O setor de serviços representou a maior parte das empresas, com compromissos negativados em torno de 55,9%. Em sequência, o comércio com 35,6%, seguido pelas Indústrias com 7,3%.

A pausa na redução das taxas de juros, que vinha se mantendo estável, pode agravar a alta inadimplência, especialmente em relação às dívidas de longo prazo, complicando a gestão financeira. A incapacidade de refinanciar ou renegociar essas dívidas pode levar à insolvência. Dentro desse contexto, a reestruturação empresarial pode contribuir para a recuperação financeira das empresas de várias formas, como:

- Na redução de custos e eficiência operacional, permitindo que a empresa identifique e elimine áreas ineficientes e não rentáveis. Isso pode envolver a renegociação de contratos, a redução de despesas operacionais e a otimização de processos.
- Na renegociação de dívidas, que é um dos principais objetivos da reestruturação. Isso pode incluir a extensão dos prazos de pagamento, a redução das taxas de juros ou até mesmo a redução do valor principal da dívida. Essas

mudanças podem aliviar a pressão financeira sobre a empresa e facilitar o cumprimento das obrigações.

- Para melhorar a liquidez, ao liberar recursos que estavam comprometidos em ativos não essenciais ou operações menos rentáveis. Isso proporciona à empresa mais flexibilidade financeira para lidar com suas dívidas e investir em áreas estratégicas.
- Oferece a oportunidade de revisar e, se necessário, reformular o modelo de negócios da empresa. Isso pode incluir a diversificação de produtos e serviços, a exploração de novos mercados ou a mudança de estratégias de preços para melhor atender às necessidades do mercado e aumentar a rentabilidade.
- Para restaurar a confiança dos investidores e credores, demonstrando que a empresa está comprometida em resolver seus problemas financeiros e em recuperar a saúde financeira, facilitando a obtenção de novos financiamentos ou investimentos.

Em muitos casos, a reestruturação é uma alternativa à falência, permitindo que a empresa continue operando, preserve seu valor e mantenha empregos, beneficiando acionistas, funcionários, bem como a economia local. A reestruturação também pode ajudar a empresa a se adaptar a mudanças no mercado ou na economia. Isso pode envolver a adoção de novas tecnologias, a resposta a novas demandas dos consumidores ou a adaptação a novas regulamentações.

Enfim, a reestruturação empresarial é um processo estratégico essencial para ajudar as empresas a superar desafios financeiros, melhorar a sua posição competitiva e garantir a sustentabilidade a longo prazo.

(*) - É consultor e sócio-diretor da Nordex (<https://nordexconsultoria.com.br/>).

Bets podem deixar crédito mais caro

As apostas online têm sido alvo de inúmeros estudos e reflexões do mercado sobre o impacto no consumo e endividamento da população

De acordo com um estudo da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC) com a AGP Pesquisas, 63% das pessoas que fazem apostas online tiveram sua renda comprometida.

Para Eduardo Tambellini, consultor de negócios da FICO, líder global em soluções de análise preditiva e gerenciamento de decisões, o comprometimento da renda da população em “jogos de azar” resulta, no futuro, em inadimplência e transforma o modelo de gerenciamento de risco e avaliação de crédito das instituições financeiras.

“As apostas já impactam cerca de 1,38% do orçamento familiar do brasileiro de menor renda, de acordo com a PwC. O brasileiro que ganha um salário mínimo em uma cidade como São Paulo, por exemplo, já tem comprometido uma parte importante de seu rendimento em despesas básicas de



água, luz, moradia e alimentação. Se as apostas continuarem crescendo em ritmo acelerado como estão agora, podemos ter, em breve, um cenário de inadimplência alta nas despesas básicas”, explica.

Além disso, o comportamento transacional dos devedores também é levado em consideração na hora de conceder crédito e, o hábito de destinar dinheiro a jogos de aposta, pode ser um dificultador e um sinalizador de atenção para as instituições financeiras. O crédito pode-

rá ficar mais caro para este perfil de cliente.

Caso essa previsão se concretize, outra tendência é que os processos de cobrança e de solicitação de crédito aumentem. Para lidar com esse crescimento, a tecnologia pode trabalhar a favor do mercado e, a partir da identificação desses perfis “apostadores”, os credores podem criar estratégias de comunicação que se antecipem à inadimplência e cobrança, gerando uma relação consultiva e positiva junto a esse cliente.

“Com o uso da inteligência artificial e do machine learning e a adesão cada vez maior do open finance, o mapeamento de transações e de perfis de clientes de alto risco está cada vez mais presente nas operações das instituições financeiras.

A discussão sobre o destino do dinheiro para o comércio é apenas a ponta do iceberg. Ao olharmos para a questão e aprendermos com situações passadas, o endividamento deixará o crédito mais caro ou inviável para pessoas mais vulneráveis, um cenário desfavorável para a macroeconomia”, finaliza Tambellini.

A PwC estimou que em 2024, o mercado de apostas esportivas movimentará R\$ 130 bilhões. Em 2023 o valor estimado de faturamento foi entre R\$ 67,1 e 97,6 bilhões e o gasto dos brasileiros em apostas online foi de R\$ 40 bilhões a R\$ 50 bilhões. - Fonte e outras informações: (<https://www.fico.com/br/>).

Investimento em imóveis impulsiona mercado

Nos últimos anos, o segmento imobiliário tem se consolidado como uma opção robusta e atraente para investimentos. Segundo dados do Estudos da Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (ABRAINC), o setor cresceu cerca de 8% no último ano, refletindo uma sólida demanda por imóveis residenciais e comerciais.

Além disso, a pesquisa “Valorização do Imóvel no Brasil”, realizada com dados do mercado entre 2012 e 2022, aponta que, nesse período de 10 anos, o rendimento anual dos investimentos em imóveis foi de 12,2%. Esse crescimento é impulsionado por fatores como a valorização dos bens em áreas urbanas emergentes e o aumento do interesse por propriedades para aluguel.

A aquisição de imóveis tem se destacado como uma estratégia eficaz para diversificação de portfólio e proteção contra a volatilidade econômica. O investimento tende a ser mais seguro e rentável, segundo o diretor da Yticon Londrina, Cleber Casado. “Enquanto outras formas de investimento podem ser instáveis, o mercado imobiliário oferece maior estabilidade. Os imóveis são ativos tangíveis que, historicamente, mantêm seu valor e proporcionam uma renda passiva consistente por meio de aluguéis”.

A diversificação do portfólio é um fator-chave para muitos investidores. Casado destaca que investir em imóveis permite diversificar os ativos, o que é fundamental para reduzir riscos. O especialista reforça que comprar um imóvel como investimento é uma decisão significativa, que envolve diversas considerações para garantir que seja um bom negócio, e compartilha algumas dicas para ajudar na melhor escolha:

- **Pesquisa de mercado** - É importante analisar a localização e escolher uma área com potencial de valorização. Fatores como desenvolvimento da infraestrutura, proximidade de centros comerciais, transportes e escolas devem ser considerados. O diretor comenta que imóveis bem localizados podem gerar retornos atrativos a longo prazo, tanto pela valorização quanto pela renda com aluguéis.

As tendências de mercado também são essenciais, e estudar o mercado imobiliário na região desejada é fundamental. Analisar dados históricos de preços e taxas de crescimento é crucial. Um exemplo em destaque no mercado é o crescente interesse por imóveis destinados ao aluguel de curto prazo.

Segundo relatório da Knight Frank, esse segmento cresceu 12% no último ano, refletindo a mudança nas



preferências dos consumidores e a maior demanda por experiências mais personalizadas.

“O modelo de aluguel de curto prazo tem mostrado um crescimento significativo, principalmente em áreas turísticas e centros urbanos. Esse tipo de investimento oferece um retorno potencialmente mais alto, embora seja importante considerar as regulamentações locais e a gestão eficaz da propriedade”, explica Casado.

- **Rentabilidade** - Se o plano for comprar para alugar, é essencial calcular o retorno potencial sobre o investimento (ROI). Deve-se comparar o valor do aluguel que será cobrado com o custo total do imóvel, incluindo impostos, taxas e manutenção. Ainda, é necessário considerar a taxa de vacância da região, pois imóveis em áreas com alta vacância podem ter mais dificuldade em gerar uma receita constante.

As despesas de compra também devem ser analisadas. “O custo do imóvel, taxas de escritura, imposto de transmissão, corretagem e despesas com documentação precisam ser levados em consideração antes de fechar o negócio”, afirma. Além disso, é importante contabilizar os custos de manutenção, como eventuais reparos que o imóvel possa exigir.

- **Planejamento** - Definir os objetivos do investimento é um passo indispensável. É importante avaliar as metas a longo prazo para o imóvel, seja valorização, rendimento de aluguel ou ambos.

“Buscar um corretor de imóveis experiente, que conheça bem o mercado local, ajuda na tomada de decisão, assim como consultar um consultor financeiro para entender como a compra se encaixa na estratégia de investimento geral. Esses são pontos fundamentais para definir um planejamento coeso”, conclui o especialista. - Fonte e mais informações: (www.yticon.com.br).

